



**COMUNIDADES TERAPÊUTICAS RELIGIOSAS:
estudo de caso sobre uma comunidade pentecostal e uma comunidade católica
carismática**

Janine Targino¹

RESUMO

O presente artigo busca apresentar, analisar e comparar o trabalho realizado pelo Projeto Reconstruir, uma comunidade terapêutica vinculada à Comunidade Carismática Maranathá, e pelo Instituto Vida Renovada (IVR), comunidade terapêutica associada à Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD). Ambas as comunidades terapêuticas estão localizadas no Estado do Rio de Janeiro e concentram suas atividades no atendimento de usuários problemáticos de drogas em geral, tanto de drogas lícitas quanto ilícitas. Destaca-se que o tratamento oferecido pelas instituições em tela fundamenta-se, basicamente, sobre preceitos religiosos. Diante disso, é possível apontar determinadas aproximações e afastamentos nos planos de ação que estas comunidades terapêuticas aplicam ao longo do tratamento oferecido aos usuários de drogas que buscam auxílio nas mesmas. Os dados aqui apresentados foram coletados entre os anos de 2011 e 2015 através de pesquisa de campo por observação e entrevistas realizadas com internos e membros das equipes técnicas das instituições estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo. Renovação Carismática Católica. Dependência de drogas. Comunidades terapêuticas.

**RELIGIOUS THERAPEUTIC COMMUNITIES:
Case study about a pentecostal community and a charismatic catholic community**

ABSTRACT

This paper seeks to present, analyze and compare the work carried out by the Projeto Reconstruir, a therapeutic community linked to the Comunidade Carismática Maranathá, and the Instituto Vida Renovada (IVR), a therapeutic community associated with the Assembleia de Deus dos Últimos Dias. Both therapeutic communities are located in the state of Rio de Janeiro and concentrate their activities in dealing with problem drug users in general, both licit and illicit drugs. It should be emphasized that the treatment offered by the institutions on screen is basically based on religious precepts. Given this, it is possible to point out certain approximations and

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tutora presencial do Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro e bolsista de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: janine.targino.silva@gmail.com

withdrawals in the action plans that these therapeutic communities apply throughout the treatment offered to drug users seeking help in them. The data presented here were collected between the years of 2011 and 2015 through observation field research and interviews with internal and technical staff members of the institutions studied.

KEYWORDS: Pentecostalism. Catholic Charismatic Renovation. Drug addiction. Therapeutic communities.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surge como fruto direto de minha tese de doutorado, na qual apresentei a análise minuciosa sobre a atuação e os discursos elaborados pelos atores presentes no Instituto Vida Renovada (IVR), que possui sua sede instalada no município de São João de Meriti - RJ, e no Projeto Reconstruir, que concentra sua atuação em bairros localizados no município do Rio de Janeiro. Estas instituições atuam como comunidades terapêuticas oferecendo atendimento a dependentes químicos em geral, sejam eles usuários problemáticos de drogas lícitas ou ilícitas². Neste artigo, me dedicarei à apresentação de ambas as comunidades terapêuticas e à análise e comparação dos projetos impetrados pelas mesmas no atendimento de dependentes químicos. Os dados aqui apresentados foram coletados entre os anos de 2011 e 2015 através de pesquisa de campo por observação e entrevistas semiestruturadas realizadas com internos e membros das equipes técnicas das instituições estudadas.

O IVR, primeira instituição escolhida para análise na presente pesquisa, possui perfil pentecostal e foi fundada pelo pastor Marcos Pereira em julho de 1999. O IVR trata-se de uma instituição sem fins lucrativos que oferece tratamento para dependentes químicos em geral e acolhimento para indivíduos que, após cumprirem pena no sistema penitenciário, não encontram apoio para restabelecerem suas vidas. Além da sede, o IVR possui mais uma unidade localizada no bairro de Tinguá, município de Nova Iguaçu – RJ. Esta instituição está vinculada à Igreja Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), da qual o pastor Marcos Pereira é o atual presidente.

² Ao longo do texto, quando uso o termo “usuário problemático de drogas”, estou me referindo a um perfil específico de indivíduo que estabelece uma relação de uso abusivo e descontrolado de determinada substância entorpecente, seja ela lícita ou ilícita. Desta forma, tal como Cruz (2011), trabalho com uma definição de usuário problemático de drogas que contempla os indivíduos que não conseguem conciliar sua vida profissional e pessoal com o uso de drogas.

A segunda instituição religiosa escolhida é o Projeto Reconstruir, surgida no ano de 2001 em associação com a Comunidade Católica Maranathá. A escolha do Projeto Reconstruir como o segundo *locus* para a coleta de dados da pesquisa ocorreu pelo fato da mesma ter alcançado amplitude considerável no rol de instituições católicas que se dedicam aos cuidados de dependentes químicos em geral. O nascimento do Projeto Reconstruir foi obra dos esforços impetrados por Martins, fundador da Comunidade Maranathá, e por Alexandre Duque, a figura que idealizou o Projeto Reconstruir. Desde seu surgimento, esta instituição esteve orientada pelos preceitos da Renovação Carismática Católica (RCC) e possui por objetivo o atendimento de dependentes químicos que desejam se afastar completamente do uso de drogas. O tratamento é oferecido em nove unidades espalhadas pelo Estado do Rio de Janeiro, além de existir mais uma unidade localizada no município de Planaltina de Goiás, Estado de Goiás. Pode-se dizer, a priori, que o Projeto Reconstruir constitui uma das maiores redes de perfil católico carismático dedicada ao tratamento de usuários de drogas no Estado do Rio de Janeiro.

Ao todo, foram entrevistados doze internos (oito homens e quatro mulheres) no IVR e dez internos (sete homens e três mulheres) no Projeto Reconstruir. No que tange às entrevistas com membros das equipes técnicas, temos quatro entrevistas realizadas no IVR e cinco no Projeto Reconstruir. Associadas às entrevistas, também obtive extenso material através de observação em campo ao longo da pesquisa.

Com base nos dados coletados é possível apontar determinadas aproximações e afastamentos nos planos de ação que estas comunidades terapêuticas aplicam ao longo do tratamento oferecido aos usuários de drogas que buscam auxílio nas mesmas. Ainda, pode-se dizer que tais aproximações e afastamentos são construídos, respectivamente, sobre as similaridades e diferenças presentes entre os projetos pentecostal e carismático católico no tratamento da dependência química. A seguir analisaremos os discursos dos internos e de membros das equipes técnicas das instituições observadas a fim de encontrarmos os pontos de divergência e/ou convergência mais significativos para a construção de uma melhor apreensão a respeito do trabalho realizado pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir.

PERFIL DOS INTERNOS

Entre os oito homens e quatro mulheres entrevistados no IVR e os sete homens e três mulheres entrevistados no Projeto Reconstruir temos indivíduos entre 18 e 55 anos, o que mostra

que o público atendido por estas comunidades terapêuticas é bastante abrangente no que diz respeito à sua faixa etária. Quando observei os dados básicos dos perfis dos internos do IVR e do Projeto Reconstruir pude constatar algumas características fundamentais. Em primeiro lugar, o grau de escolaridade dos internos do IVR mostra-se consideravelmente mais baixo que o apresentado pelos internos do Projeto Reconstruir. Enquanto na primeira instituição apenas um dos internos declarou ter concluído o ensino médio, na segunda instituição somente dois internos entrevistados não tinham alcançado este grau de escolaridade. Este dado demonstra que pode existir uma tendência para que indivíduos dependentes químicos com maior grau de escolaridade prefiram uma configuração específica de instituição quando decidem por aderir ao modelo religioso de tratamento para a dependência química.

A prática de crimes igualmente atravessa a trajetória dos indivíduos entrevistados nas duas instituições. Roubos, furtos e tráfico de drogas são as atividades mais comuns e, geralmente, são utilizadas pelos indivíduos como meios para conseguir drogas. Por outro lado, embora seja recorrente a prática de crimes entre estes indivíduos, nem todos os entrevistados que disseram ter cometido crimes possuem passagem pelo sistema prisional. Ao mesmo tempo, os indivíduos que estiveram encarcerados relataram que não cumpriram pena por todos os crimes que cometeram.

A forma como os internos entrevistados começaram a usar drogas coincide em vários aspectos. Todos os entrevistados relataram que, a princípio, o uso de drogas se tratava apenas de uma atividade recreativa e sazonal, geralmente incentivada por amigos que também faziam uso de entorpecentes. Neste sentido, os entrevistados descrevem uma espécie de escala crescente, na qual se passa do uso de drogas lícitas, tal como álcool e cigarro de tabaco, para as drogas ilícitas vistas como “menos potentes”, como a maconha e o “cheirinho da loló”, por exemplo. Somente após o uso destas drogas consideradas mais “fracas” é que os indivíduos relataram ter passado para o uso das drogas mais “fortes”, tais como o mesclado, a cocaína e o crack. Nesta escalada crescente que vai das drogas lícitas até as drogas ilícitas mais potentes, a influência de terceiros fora apontada pelos internos entrevistados como um elemento de extrema importância. Segundo fora dito pelos entrevistados, os amigos usuários de entorpecentes funcionavam como incentivadores do vício destes indivíduos, da mesma forma que eles também serviam, muitas vezes, como fornecedores das drogas. Além da influência exercida por terceiros, a vontade de se enturmar em um novo círculo de amigos, decepções amorosas e problemas pessoais de diversas naturezas também foram indicados como sendo fortes motivações para o uso abusivo de entorpecentes.

É fundamental destacar que a pesquisa que realizei não teve por finalidade mensurar o grau da dependência química apresentada pelo indivíduo que busca tratamento nas instituições observadas. Por isso, a amplitude da dependência química apresentada pelos indivíduos quando decidem buscar tratamento é visível apenas nos discursos dos mesmos. Ainda que alguns indivíduos entrevistados no IVR ou no Projeto Reconstruir possam ter procurado tratamento antes de atingirem o suposto grau máximo de dependência química, os discursos apresentados por eles sempre será atravessado por elementos que ilustram o “fundo do poço” para o qual a dependência das drogas os levou.

Outro ponto de destaque no que diz respeito ao traçado do perfil dos internos do IVR e do Projeto Reconstruir trata da adesão de ex-trafficantes e egressos do sistema prisional ao tratamento oferecido por ambas as instituições. Deve-se observar que existem singularidades na forma como estes indivíduos são absorvidos pelas comunidades terapêuticas observadas, e estas singularidades compõem a abordagem e a finalidade do trabalho realizado pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir.

Entre os aproximadamente cento e vinte internos do IVR pode-se dizer que pelo menos um terço destes não ingressaram na instituição por razões exclusivamente relacionadas ao uso de drogas³. Este grupo de internos é formado, via de regra, por ex-trafficantes de drogas que decidiram abandonar, por diversos motivos⁴, o narcotráfico, e também por egressos do sistema prisional que, após cumprirem pena, não encontram respaldo de suas famílias ou outros meios para efetivarem sua reintegração social. Aqui, em essência, a distinção entre ex-trafficantes de drogas e egressos do sistema prisional está baseada apenas no fato de que, quando me refiro à ex-trafficante, estou usando a classificação nativa para distinguir o indivíduo que, embora tenha mantido envolvimento com atividades do narcotráfico durante um tempo, não foi condenado nem cumpriu pena por este crime.

Por outro lado, a categoria de egresso é extensiva a todos os indivíduos que podem ter cometido quaisquer tipos de crimes e que foram condenados a cumprir pena de encarceramento. Obviamente, entre os egressos atendidos pelo IVR encontram-se muitos ex-trafficantes que foram condenados, mas também existem outros indivíduos que foram condenados pelos mais diversos

³ Estimativa baseada nos dados oferecidos pela equipe técnica do IVR.

⁴ Entre os motivos mais relatados pelos indivíduos ex-trafficantes de drogas para que os mesmos abandonassem suas funções no âmbito do narcotráfico estão o medo de sofrer algum atentado impetrado por membros de facções rivais e o medo das frequentes investidas policiais. Aqui, torna-se claro que o medo da morte é o fator principal que leva estes indivíduos a se afastarem de suas atividades marginais.

crimes. Para aclarar esta questão, deve-se destacar que o IVR é descrito no *site* da instituição da seguinte forma:

O Instituto Vida Renovada (IVR) é uma associação civil, ligado à Igreja Evangélica Assembleia de Deus dos Últimos Dias, com finalidade não econômica reconhecida oficialmente em âmbito Municipal, Estadual e Federal, com foro na cidade de São João de Meriti.

Apresenta-se como entidade que se destina à política de atendimento a população carente através de um conjunto articulado de ações sociais de educação, qualificação profissional e inclusão social.

O IVR acredita na solidariedade como um instrumento de grande valia para o equilíbrio social, uma vez que, através do amor ao próximo e abertura de novas oportunidades terão uma chance real de conseguirem reingressar à sociedade de maneira digna e vitoriosa.

O IVR foi criado para promover e acolher egressos do sistema de detenção e oriundos das comunidades carentes, formulando soluções de desenvolvimento social econômico e cultural de cada um deles, deste modo estendemos a importância em pesquisas de desenvolvimento na área, para que possamos reintegrá-los à cidadania⁵.

A descrição da finalidade do IVR o distingue substancialmente de um centro de recuperação que trabalha apenas no atendimento de dependentes químicos, posto que dentre os objetivos do IVR está explicitamente incluído a reinserção social de egressos do sistema prisional. Já a inclusão de ex-traficantes de drogas que não foram condenados por seus crimes entre os atendidos pelo IVR ocorre como uma extensão da categoria de egressos do sistema de detenção visto que, em essência, ambos podem ser considerados como indivíduos com o mesmo perfil, distinguindo-se apenas no fato de que os primeiros não sofreram condenação, enquanto os segundos passaram pela experiência de encarceramento.

Indivíduos egressos do sistema prisional ou ex-traficantes de drogas que não sofreram condenação por seus crimes também foram encontrados no Projeto Reconstruir. Porém, de acordo com os relatos dos internos entrevistados, os mesmos chegam até a instituição movidos exclusivamente pela vontade de aderir ao tratamento contra a dependência química, e não para receberem ajuda para sua reinserção social. Este perfil do público atendido pelo Projeto Reconstruir se enquadra perfeitamente na definição dos objetivos que o projeto técnico desta instituição apresenta.

Contribuir para o desenvolvimento de ação transformadora das condições de vida de pessoas em situação de dependência química, por meio de trabalho articulado e complementar das instituições da Arquidiocese e parceiros, oferecendo oportunidade de acolhimento de dependência química, acesso a direitos (fortalecimento e preservação de vínculos familiares e comunitários, educação, capacitação para o trabalho, renda e

⁵ Informação disponível na página da internet <http://portaladud.com.br/adud/instituto/nosso-instituto> (Acesso em: 20 dez. 2016)

exercício da cidadania) assim como promovendo capacitação de agentes de prevenção e integração com as políticas públicas⁶.

Pode-se ver, então, que o Projeto Reconstruir é descrito em seu projeto técnico como uma instituição que visa atender única e exclusivamente indivíduos em situação de drogadicção e, por isso, há uma tendência para que todo o público atendido nas unidades do Projeto Reconstruir se enquadre neste quesito. Apesar de indivíduos dos mais variados perfis chegarem até a instituição solicitando acolhida, aqueles que não se enquadram no perfil de dependente químico não são aceitos como internos.

Segundo os relatos dos membros⁷ da equipe técnica do Projeto Reconstruir, nas situações em que indivíduos não dependentes químicos são identificados na triagem realizada pela instituição, busca-se entender qual a real necessidade dos mesmos para que seja possível indicar o atendimento mais adequado. Os casos específicos de indivíduos foragidos da justiça ou com pendências jurídicas, por exemplo, são orientados pelos advogados que compõem a equipe técnica no sentido de encontrar a melhor solução para a resolução do problema.

O PAPEL DAS ATIVIDADES RELIGIOSAS NO TRATAMENTO CONTRA AS DROGAS

Os dados coletados através das entrevistas e da observação de campo demonstraram que, sobretudo na instituição evangélica em questão, a atividade diária na igreja é extremamente fundamental para manter-se longe do consumo de drogas. Esta característica também esteve presente entre os indivíduos que buscam a recuperação da dependência química no Projeto Reconstruir, mas de forma menos acentuada.

Diante disso, a crítica elaborada pelos que se opõem ao tratamento religioso contra a dependência química baseados no argumento de que nos grupos evangélicos a religião é utilizada como substituição para o consumo de drogas parece ganhar força. Vários dos entrevistados em internação no IVR expressaram claramente em seus discursos a importância que atribuem à substituição das atividades vinculadas às drogas por atividades religiosas, chegando, inclusive, a

⁶ Informação disponível na página da internet <http://www.maranathario.wedigital.net.br/pagina/projeto-reconstruir> (Acesso em: 20 dez. 2016)

⁷ A equipe técnica do Projeto Reconstruir é formada por um médico, duas enfermeiras, duas psicólogas e uma assistente social que atuam segundo regime de trabalho assalariado. Há, igualmente, alguns prestadores voluntários de serviços sem formação profissional que atuam periodicamente na instituição. Em geral, tanto os membros assalariados da equipe técnica quanto os voluntários se declararam católicos “praticantes”.

V. 6, n. 2. p. 314-334, mai./jul. 2017.

terem orgulho de se afirmarem como “dependentes de Deus”. No entanto, como nos indica Sanchez (2006).

De qualquer forma, quando tratamos do tema “substituição de dependências” é preciso ter cautela e não rotularmos os comportamentos destes entrevistados apenas por diferirem da cultura tradicional. Ao longo da história da psiquiatria este erro já foi cometido e na atualidade exige o esforço de pesquisadores não radicais para revertê-lo (MOREIRA-ALMEIDA et al, apud SANCHEZ, 2006, p. 263).

Dentre os indivíduos em tratamento no IVR a atividade na igreja, além de ser compulsiva em determinados momentos, está associada a uma necessidade sobremaneira forte do indivíduo não se desvincular do grupo religioso, pois isso poderia colocar todo processo de recuperação do vício de drogas em perigo. Casos de indivíduos entrevistados que apresentam longa permanência⁸ na instituição servem de base para este argumento, visto que sair da instituição, segundo os relatos dos mesmos, poderia leva-los a retomarem contato com o círculo antigo de amigos e / ou redes de contatos associada ao uso de drogas.

E não é só o receio de “voltar para o mundo” que fortalece o vínculo do indivíduo com o grupo religioso. Existem também fatores presentes nos discursos dos mesmos que indicam o medo de perder o direito de serem “protegidos por Deus” e de deixarem de pertencer a um grupo no qual, de certa forma, possuem um lugar de relevante importância. É fundamental sublinhar que, segundo as declarações dos entrevistados no IVR, a proteção divina seria a única forma de evitar a recaída e o conseqüente retorno ao consumo de drogas.

Contudo, embora a dedicação às atividades religiosas dos indivíduos em tratamento no IVR pareça mais visceral, a vivência religiosa dos indivíduos entrevistados no Projeto Reconstruir é mais diversificada. Enquanto os indivíduos internados no IVR concentram suas atividades religiosas nos cultos realizados pela ADUD e nos grupos de estudo bíblico, o grupo entrevistado no Projeto Reconstruir possui, além destas atividades, grupos de sentimentos⁹, grupos de louvor e os grupos de apoio mútuo que funcionam à maneira de sessões de terapia em grupo que envolvem o indivíduo na rotina da instituição.

Cabe sublinhar que, acerca dos entrevistados em tratamento no Projeto Reconstruir, o vínculo religioso com a instituição é mais intenso no início do tratamento, tornando-se mais fluido com o passar do tempo. Isso provavelmente pode ser explicado pelo fato de que os

⁸ Dentre os entrevistados que chamaram mais atenção no que tange ao período de permanência no internato no IVR temos dois indivíduos que relataram estar na instituição há mais de três anos.

⁹ Os grupos de sentimentos são reuniões nas quais os internos do Projeto Reconstruir têm a oportunidade de dividir com seus pares suas experiências e de vida no que tange a dependência química.

indivíduos precisam de suporte mais forte no início do tratamento, momento no qual a criação de uma rede social e rotina diária novas são indispensáveis. Nesse contexto, a experiência religiosa ocupa um papel funcional no sentido de promover alterações essenciais para que estes indivíduos possam se sentir recuperados da dependência de drogas.

Outro ponto a ser destacado é a exclusividade que os internos entrevistados conferem à vertente religiosa seguida pela instituição na qual encontram-se em tratamento. Assim, os internos entrevistados no Projeto Reconstruir declararam categoricamente que não possuem interesse em frequentar outros ambientes religiosos que não sejam católicos, a exceção de um entrevistado que disse ter vontade de frequentar uma igreja evangélica e uma igreja católica simultaneamente após finalizar o tratamento na instituição. Entre os internos do IVR também não foi possível perceber em nenhum de seus discursos a sinalização da vontade de frequentar outros ambientes religiosos que não sejam evangélicos. De fato, não existiu nem mesmo a ideia de frequentar outras igrejas evangélicas além da ADUD. A igreja que oferece suporte aos internos aparece nos discursos de forma exclusiva no que diz respeito à adesão religiosa após a finalização do tratamento.

Através das entrevistas também foi possível apreender que a vivência da religiosidade pentecostal pelos internos do IVR e da religiosidade carismática católica pelos indivíduos atendidos pelo Projeto Reconstruir os leva a expressarem em seus discursos uma maior segurança diante das adversidades da vida. Os entrevistados de ambos os grupos se mostraram muito convictos de sua fé e, em função disso, revelaram-se também muito confiantes de que esta fé seria fundamental para superar todas as dificuldades e privações diárias.

Neste sentido, a fé constitui um importante aspecto para manter-se longe do uso de drogas. Todavia, os pontos de vista sobre a aplicação da fé para não voltar à dependência química são bastante distintos entre os internos do IVR e os internos do Projeto Reconstruir, e tal distinção deve-se ao fato de que as construções cosmológicas utilizadas por cada uma destas instituições possuem particularidades que as diferenciam na forma como tratam a dependência química.

A bibliografia que trata da cosmologia pentecostal nos ajuda a melhor entender as concepções de indivíduo e liberdade vigentes nesta vertente religiosa. Autores como Birman (1997), Guimarães (1992), Mariz (1997, 1999) e Rolim (1987) sublinham que a centralidade atribuída ao demônio no pentecostalismo favorece uma interpretação na qual o demônio é acusado de provocar infortúnios e malefícios de todas as naturezas. Além disso, o demônio também é apontado como responsável por levar as pessoas a terem comportamentos inadequados,

como o uso sistemático de drogas, praticar prostituição, roubo, entre outros. Como desdobramento disso, a cosmologia pentecostal observa aqueles que manifestam comportamento desviante como oprimidos e subjugados pelas forças demoníacas (BIRMAN, 1997; MACHADO, 1996; MARIZ, 1997, 1999). Assim sendo, a responsabilidade pelas falhas de conduta não deve cair sobre o desviante propriamente dito, mas sim sobre as forças espirituais que atuam negativamente fazendo-lhe agir de tal maneira.

No momento em que adere à fé evangélico-pentecostal e aceita Jesus Cristo como seu salvador, o indivíduo passa pelo processo no qual se liberta destas forças demoníacas que outrora o levaram a se comportar de maneira autodestrutiva e que provocaram malefícios de diversas naturezas em sua vida. Passado o processo de libertação, o indivíduo pode então se considerar livre da influência maligna que já não mais tem o poder de interferir negativamente em suas ações.

Diante deste traçado cronológico que resume a adesão de um indivíduo à corrente evangélico-pentecostal, pode-se melhor apreender o motivo pelo qual nos discursos dos internos do IVR existe o frequente uso da palavra “cura” quando os mesmos se referem a sua condição atual no que tange à dependência química anteriormente manifestada. Depois de concluída a fase de libertação, na qual o indivíduo busca se livrar das forças demoníacas, nada mais possui a capacidade de fazê-lo adotar comportamentos vistos como inadequados. Por isso, estar “curado” da dependência química é uma consequência natural para aqueles que experienciam o processo de libertação de forma plena. É importante ressaltar neste ponto que a conversão à ADUD constitui uma das etapas mais importantes do tratamento aplicado pelo IVR, posto que sem a conversão do interno todo o resto do procedimento perderia completamente o sentido.

Em contrapartida, quando os discursos dos internos do Projeto Reconstruir são analisados, é possível perceber que não há o uso da palavra “cura” e, na verdade, sempre que perguntados sobre como se veem no momento atual no que diz respeito ao uso de drogas, os internos tendem a expressar certo cuidado em explicar porque não se consideravam completamente curados. Para melhor apreender esta configuração dos discursos dos internos do Projeto Reconstruir é necessário observar a forma como a dependência química é tratada pela instituição.

Os Doze Passos do Cristão¹⁰ que, via de regra, são os mesmos Doze Passos aplicados pelos Narcóticos Anônimos (NA) e pelos Alcoólicos Anônimos (AA) salvo algumas adaptações muito sutis, são parte crucial do tratamento proposto pelo Projeto Reconstruir. Estes Doze Passos consideram o usuário abusivo de drogas como um indivíduo que não possui condições de lidar sozinho com a dependência química, e que para afastar-se do uso de drogas ele precisa entender sua fragilidade diante do vício. Tal como nos NA e nos AA, no Projeto Reconstruir o adicto é observado como um indivíduo que possui a “doença da drogadicção”, a qual não possui cura, mas sim exige uma postura diária para ser controlada.

Portanto, o tratamento realizado no Projeto Reconstruir não visa “curar” o dependente químico, posto que o objetivo é tornar o usuário de drogas entendedor de que possui uma doença (a dependência química) que pode voltar a se manifestar caso não sejam tomados os cuidados necessários para isso. Este aspecto explica o uso constante de frases como “só por hoje” ou “por hoje não” nos discursos dos internos do Projeto Reconstruir quando questionados sobre a condição atual dos mesmos em relação ao uso de drogas. Em síntese, não houve entre as entrevistas realizadas o discurso da cura, mas sim o discurso da persistência na ideia de que é preciso vigiar, dia após dia, para não voltar ao uso de drogas.

Percebe-se então que, ao analisarmos os discursos dos internos e as posturas de cada uma das instituições em tela existe uma contraposição clara nos objetivos buscados nos tratamentos aplicados por ambas. Embora tanto uma quanto a outra ofereçam tratamentos que visam afastar o indivíduo da dependência química, o processo pelo qual o dependente químico passa é distinto em cada uma delas. Se no IVR existe o entendimento de que é necessário o interno se converter à ADUD para iniciar o processo que o levará à libertação das forças malignas e, conseqüentemente, à cura de sua dependência química, no Projeto Reconstruir existe a percepção de que o interno

¹⁰ Os Doze Passos dos Narcóticos e Alcoólicos Anônimos são os seguintes: 1º. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis; 2º. Viemos a acreditar em um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade; 3º. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos; 4º. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos; 5º. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas; 6º. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter; 7º. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos; 8º. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas; 9º. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras; 10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitimos prontamente; 11º. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade; 12º. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado desses passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades. (Informação disponível em <http://www.na.org.br/doze-passos-html>. Acesso em: 22 dez. 2016).

precisa entender sua fragilidade diante das drogas para, enfim, conseguir lutar contra o vício todos os dias. Resumidamente, enquanto o IVR trabalha com a ideia de cura condicionada à conversão do interno, o Projeto Reconstruir utiliza a concepção de que o usuário de drogas é uma pessoa que nunca estará plenamente curada e, por isso, precisa constantemente tomar determinados cuidados para não voltar a manifestar a dependência química.

Esta distinção na forma como a dependência química é tratada no IVR e no Projeto Reconstruir exerce influência na maneira como os indivíduos reagem ao tratamento nestas instituições. Um exemplo disso é o período de abstinência, momento crucial e talvez mais difícil do tratamento de um dependente químico, que é tratado de formas diferentes segundo a postura adotada no IVR e no Projeto Reconstruir.

No Projeto Reconstruir temos a aplicação do recurso medicamentoso como uma das estratégias para cuidar dos efeitos da abstinência dos internos, sobretudo aqueles que estão no início do tratamento. Não existe nenhuma espécie de interdição, seja ela de natureza religiosa ou terapêutica, para que a equipe médica do Projeto Reconstruir utilize medicamentos com a finalidade de minimizar os efeitos da ausência do entorpecente no organismo do interno. Isso está em consonância com o modo como a dependência química é observada pela instituição. Nesta comunidade terapêutica não existe o entendimento de que o interno deve buscar sua cura da dependência química. Na verdade, o interno deve buscar uma melhor maneira de se afastar do vício de drogas através da conscientização de que a dependência química, em si, não tem cura. Ao máximo, o que pode ser feito pelo indivíduo é se afastar do uso de drogas dia após dia, sem pretensão de alcançar uma cura completa que possibilite ao mesmo dizer que “jamais voltará a sentir vontade de usar drogas novamente”.

Por não estar em busca da cura e entender que a dependência química trata-se de uma doença que estará presente por toda a vida, o interno que manifesta os efeitos da abstinência não é visto como uma espécie de caso anormal dentro da comunidade terapêutica do Projeto Reconstruir. Nesta instituição, a abstinência é considerada um efeito colateral natural da pausa do consumo de entorpecentes feita pelo interno, e por isso pode e deve ser tratada através de recurso medicamentoso.

À contramão, uma postura diferente é aplicada pelo IVR. Nesta instituição entende-se que o processo de conversão pelo qual o indivíduo passa assim que adere ao tratamento é suficiente para curá-lo completamente de sua dependência química. Segundo as construções cosmológicas adotadas pela instituição, a conversão, que leva ao processo de libertação, anula toda a vontade ou

necessidade de usar entorpecentes. Aceitar Jesus Cristo como único salvador e seguir os preceitos doutrinários praticados pela ADUD compõem o ponto chave do tratamento, pois é neste momento que o interno mostra sua plena recuperação diante da dependência química. Em função disso, o uso de recurso medicamentoso não está entre as estratégias utilizadas durante o tratamento.

De fato, os membros¹¹ da equipe técnica do IVR não reconhecem o uso de medicamentos como algo necessário, pois, segundo os relatos dos mesmos, raramente acontecem casos em que os internos expressam sintomas de abstinência. De acordo com Dr.^a Sônia¹², psicóloga do IVR, embora a mesma não fosse seguidora da ADUD (nem mesmo seguidora de qualquer outra igreja evangélica), ela atribui à religião o fato de que pouquíssimos internos do IVR manifestem sintomas de abstinência durante o tratamento. Segundo ela, não haveria outra explicação plausível para entender como indivíduos usuários abusivos de entorpecentes tornam-se sãos em poucos dias após aderirem ao tratamento, mesmo sem nenhum recurso medicamentoso. Contudo, quando questionada sobre a forma como são tratados os poucos (mas existentes) casos de indivíduos com sintomas de abstinência, ela não descreveu nenhuma forma padrão de abordagem e apenas insistiu dizendo que são raros os casos e que isso não seria uma preocupação legítima da instituição.

O IVR E O PROJETO RECONSTRUIR ENQUANTO ESPAÇOS DE *EMPODERAMENTO* E VIDA EM COMUNIDADE

A análise dos dados referentes ao IVR e ao Projeto Reconstruir nos permite trabalhar, em certo nível, com uma adaptação do conceito de empoderamento para o meio religioso. Segundo Costa (2000), o empoderamento

É o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade a competência para produzir, criar e gerir (COSTA, 2000, p. 11).

Embora tenha sua origem vinculada aos movimentos de mulheres dos anos 1970, o conceito de empoderamento pode ser usado para melhor apreendermos o trabalho realizado pelas

¹¹ Entre os membros da equipe técnica do IVR encontramos dois advogados, uma assistente social e uma psicóloga que não são vinculados à ADUD e trabalham em regime assalariado. Ao mesmo tempo, existem várias pessoas sem formação profissional que prestam serviços voluntários na instituição. Em geral, estes prestadores de trabalho voluntário são seguidores da ADUD.

¹² Nome fictício.

comunidades terapêuticas em questão, já que este conceito abarca processos nos quais as pessoas tendem a se transformarem em agentes ativos e autônomos tanto na vida pessoal quanto na sociedade (COSTA, 2000). Da mesma forma, considera-se que o conceito de empoderamento envolve os processos de tomada de autoconsciência dos indivíduos sobre seus próprios atos (BAQUERO, 2012).

Um exemplo bastante conveniente que nos mostra o quanto a noção de empoderamento é aplicável ao estudo das instituições religiosas voltadas para o tratamento de dependentes químicos é o de homens ex-alcoolistas convertidos ao pentecostalismo. Ao analisar os elementos presentes no discurso de ex-alcoolistas, Mariz (1994) nos aponta que os mesmos destacam o quanto se sentiam fracos e, ao mesmo tempo, culpados por sua fraqueza. De acordo com a autora,

A experiência com a dependência da bebida corrói a autoestima do dependente e gera sentimentos de culpa. Os alcoolistas passam a se desprezar não apenas porque, como contam alguns entrevistados, caem no chão, ficam com má aparência e fazem coisas de que posteriormente se envergonham, mas também por se sentirem incapazes de parar de beber. Quando tentam e não tem sucesso, se dão conta de que são dependentes. Diante dessa impotência, surge a sensação de fraqueza e escravidão (MARIZ, 1994, p. 206).

Assim sendo, a dependência do álcool gera no viciado o sentimento de absoluta falta de autonomia, pois se é comandado pelo vício. Apenas quando se atravessa com sucesso o processo de abandono do vício é que o alcoolista irá vivenciar a autonomia antes vetada pela dependência do álcool. Como nos diz Mariz, quando de fato param de beber estes homens sentem que receberam uma força e poder além do que possuíam (MARIZ, 1994, p. 206). Por isso, para esta autora, a libertação do vício figura como uma forma de empoderamento do indivíduo. Neste ponto o pentecostalismo ocupa uma posição especialmente importante, visto que, como fora exposto por Mariz (1994), esta vertente religiosa revela-se como um instrumento eficiente de ajuda na recuperação da dependência do álcool. Consequentemente, a associação entre pentecostalismo e empoderamento parece plausível no caso da recuperação de alcoólicos e passível de ser estendida para a recuperação de dependentes químicos em geral.

Os dados coletados ao longo das entrevistas e da observação de campo servem para demonstrar sob quais aspectos ocorre este empoderamento dos indivíduos que recorrem ao internato no IVR e no Projeto Reconstruir. Para isso, estabelecerei um contraponto às sugestivas observações de Zigmunt Bauman feitas em seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*.

Partindo da ideia de que, na contemporaneidade, a insegurança permeia a vida dos indivíduos, Bauman faz interessantes apontamentos sobre a busca de segurança. Para este pensador, a insegurança que atinge a todos está associada à desregulamentação, flexibilidade e pluralidade do mundo atual. Esta fluidez contemporânea leva os indivíduos a investirem cada vez mais naquilo que supostamente podem controlar, isto é, sua autopreservação. Busca-se então a segurança relacionada à integridade corporal e à propriedade como um paliativo para a pujante sensação de insegurança. Dessa forma, os indivíduos elevam muros e compram segurança privada criando, assim, simulacros de comunidades que os permitam se sentir mais seguros. Entre as consequências inevitáveis deste estilo de vida está a transformação do “outro” em inimigo potencialmente ameaçador e, por isso, passível de ser evitado e combatido (BAUMAN, 2003).

No panorama da sociedade contemporânea apresentado por Bauman, a perda da liberdade sobressai como um dos mais negativos resultados do surgimento de simulacros de comunidades criados no bojo da insegurança atual. Na visão de Bauman, existe uma enorme diferença entre a comunidade idealizada e a comunidade realmente existente, pois esta última trata-se de

Uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, e (em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece) exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição. A “comunidade realmente existente”, se nos achássemos a seu alcance, exigiria rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou promete prestar. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação de aconchego do lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais abra a porta. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo (BAUMAN, 2003, p. 9-10)

Aqui, devo dizer que discordo do ponto de vista extremamente pessimista de Bauman, pois acredito que precisamos relativizar o entendimento de que as coletividades (ou “comunidades”) que insurgem da insegurança atual necessariamente implicam a perda total de liberdade pelos indivíduos que as adentram. Diferentemente de Bauman, prefiro pensar as coletividades criadas por indivíduos em situação de insegurança como portadoras de fatores positivos.

Tal como dissemos anteriormente, a dependência química abala a autonomia do indivíduo, e sem autonomia é comum que o indivíduo torne-se inseguro em seus relacionamentos, em suas atividades diárias, em sua vida pessoal e profissional, entre outros. Pode-

se então considerar o IVR e o Projeto Reconstruir como redutos de indivíduos potencialmente inseguros em busca de algo que lhes possa transmitir segurança, como, por exemplo, o apoio mútuo e o sentimento de pertencimento favorecidos pela convivência em grupo. Contudo, diferentemente de Bauman, não acredito que as comunidades terapêuticas em tela ofereçam segurança aos indivíduos em troca da completa supressão de sua liberdade. Ainda que o confinamento do tratamento implique na suspensão temporária da liberdade de ir e vir, no âmbito destas instituições os indivíduos experienciam outra espécie de liberdade inerente às religiões cristãs. Falo aqui da liberdade de agir segundo regras consideradas verdadeiras, e não por hábitos irracionais típicos daqueles que são dominados pelo vício de drogas. O conceito de liberdade que via de regra encontramos nas religiões cristãs é de caráter ascético, tendo em vista que esta liberdade é alcançada “à custa de uma submissão a leis morais e se constitui na vitória da vontade sobre o corpo, da razão e da escolha racional sobre os impulsos irracionais” (MARIZ, 1994, p. 206). Dessa forma, pode-se dizer que o empoderamento simbólico dos usuários problemáticos de drogas em tratamento no IVR e no Projeto Reconstruir está fundado na liberdade ascética que estas instituições propiciam àqueles que aderem ao programa religioso de tratamento da dependência química.

O CAPITAL DE RECUPERAÇÃO CONSTRUÍDO PELO IVR E PELO PROJETO RECONSTRUIR

Diante da discussão aqui proposta, o conceito de capital de recuperação torna-se indispensável para construirmos um panorama mais adequado de observação sobre os motivos que levam os indivíduos entrevistados a buscarem tratamento no IVR ou no Projeto Reconstruir. Da mesma forma, o conceito de capital de recuperação também pode nos servir de norteador para analisarmos mais uma das formas pelas quais o trabalho realizado pelas comunidades terapêuticas em questão age no sentido de empoderar os indivíduos que aderem ao tratamento contra a dependência química nestas instituições. Este conceito faz referência aos recursos financeiros, sociais e pessoais que um determinado indivíduo possui à sua disposição para dar início e concluir o processo de recuperação da dependência química (LAUDET, 2005 apud BARRADAS, 2008). Do mesmo modo, neste conceito cabe também o apoio que o indivíduo pode conseguir através de suas práticas de espiritualidade e / ou religiosidade (BARRADAS, 2008).

De acordo com Barradas (2008), o capital de recuperação potencializado pela espiritualidade / religiosidade confere ao indivíduo maiores possibilidades de fazê-lo passar sem grandes transtornos pela fase inicial do tratamento contra a dependência química. E, de fato, este aspecto do capital de recuperação possui extrema valia, tendo em mente que a fase inicial do tratamento contra a dependência química costuma ser a mais difícil de ser superada pelos dependentes químicos em tratamento, fato que muitas vezes provoca o abandono do processo de recuperação do vício¹³.

Em sua pesquisa, Laudet (2005 apud BARRADAS, 2008) indica que os indivíduos em tratamento contra a dependência química que encontram apoio familiar e social, além de motivação na espiritualidade / religiosidade, relatam que se sentem mais fortes para se afastarem do uso de drogas. Inclusive, é importante destacar que o indivíduo dependente químico que apresenta seu capital de recuperação atravessado por experiências de espiritualidade e / ou religiosidade possui maiores chances (se comparado a outro indivíduo sem os mesmos recursos) de tomar a decisão que o levará ao tratamento contra o consumo de entorpecentes (BARRADAS, 2008).

Por outro lado, ter a possibilidade de ocupar um posto de trabalho depois do tratamento e ter a possibilidade de usufruir da ajuda concedida por uma rede de apoio social são condições igualmente apontadas como fundamentais para que o indivíduo possa manter seu status de recuperado após a conclusão do tratamento. Da mesma forma, situações de estresse nas quais o indivíduo se sinta incapaz de fazer algo para contornar as circunstâncias podem agir no sentido de destruir todos os resultados positivos alcançados durante o processo terapêutico.

Para além da discussão sobre a efetiva recuperação dos indivíduos entrevistados, posto que este debate não faça parte dos objetivos desta pesquisa, pode-se usar o conceito de capital de recuperação para agregar mais um ângulo de observação sobre a adesão de determinada parcela de dependentes químicos ao tratamento religioso aqui analisado. É possível considerarmos que a busca pelo incremento deste capital está no rol de expectativas daqueles que optam pelos cuidados oferecidos pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir. Tendo em vista que o indivíduo que adentra estas instituições obtêm maiores possibilidades de participar da rede de apoio mútuo construída pelos demais internos, o fortalecimento do capital de recuperação acaba por surgir como uma

¹³Na esfera dos tratamentos voltados para a dependência química, há o entendimento de que os primeiros dias de tratamento de um indivíduo dependente químico são os mais problemáticos. Isto ocorre, sobretudo, em função dos efeitos físicos extremamente desagradáveis provocados pela ausência da droga (abstinência) e pela dificuldade em se adaptar a uma nova rotina que não mais contempla o uso de entorpecentes (BUCHER & COSTA, 1985).

consequência benéfica da convivência entre pares. Uma vez que a busca pela cura / afastamento da dependência química constitui um objetivo comum entre os indivíduos internados no IVR e no Projeto Reconstruir, pode-se admitir que a ajuda conferida pela força do grupo acrescenta valor ao capital de recuperação daqueles indivíduos que estão envolvidos no processo.

Da mesma forma, segundo Barradas (2008), o capital de recuperação conferido pela espiritualidade / religiosidade torna o indivíduo capaz de atravessar a pior fase do tratamento contra a dependência química, a saber, os primeiros dias de tratamento, sem maiores danos. Embora o índice de evasão seja consideravelmente alto tanto no IVR quanto no Projeto Reconstruir, é necessário destacar que os indivíduos que conseguem permanecer na instituição após superarem as dificuldades inerentes aos primeiros dias de tratamento indicam com ênfase em seus relatos que não o teriam conseguido sem a ajuda da religião e do apoio obtido no seio do grupo.

Os dados coletados através das entrevistas com os internos e membros das equipes técnicas ajudam a entender como o capital de recuperação atua de formas diferentes no IVR e no Projeto Reconstruir na primeira fase do tratamento. Tal como exposto anteriormente, no caso específico do IVR todos os processos desagradáveis vinculados aos primeiros dias de tratamento e tipicamente classificados como produtos da abstinência, como náuseas, vômitos, dores de cabeça e no corpo, são imediatamente identificados como frutos de uma ação demoníaca. E, justamente por serem apontados como fatores relacionados à atuação das forças do mal, a única possibilidade de superá-los é a adesão do indivíduo à religião. A busca pela libertação e aceitação de Jesus Cristo como seu único salvador é o caminho exclusivo pelo qual o indivíduo em tratamento no IVR deve passar para superar todos os males associados à abstinência química. Assim sendo, o capital de recuperação propiciado pelo IVR está pautado na forte adesão religiosa do indivíduo.

Já no caso do Projeto Reconstruir, outros aspectos são contemplados. Em primeiro lugar, a equipe técnica desta instituição não possui restrições de qualquer ordem para o uso de recursos medicamentosos nos cuidados dos internos. Como efeito do entendimento de que a dependência química trata-se de uma doença (a “doença da adicção”), o uso de paliativos farmacológicos não encontra barreiras. Desta maneira, na primeira e mais crítica fase do tratamento, o indivíduo em internação no Projeto Reconstruir encontra o respaldo medicamentoso para superar este período e conseguir permanecer na instituição até a conclusão do processo terapêutico.

Em segundo lugar, além de entender a dependência química como uma forma de doença, o Projeto Reconstruir estrutura o tratamento sobre a percepção de que a busca pelo afastamento

da dependência química é uma luta diária, posto que a cura completa desta doença não seria alcançável. E, neste enfrentamento cotidiano contra o desejo de usar drogas, a participação nas atividades religiosas assume o papel de elemento indispensável para o indivíduo em tratamento nesta instituição.

Nota-se então que, por diferentes caminhos, o IVR e o Projeto Reconstruir atuam no sentido de fortalecer o capital de recuperação daqueles que optam pelo tratamento contra a dependência química nestas instituições. E, considerando que o capital de recuperação exerce um papel fundamental no tratamento contra a dependência química, as motivações dos indivíduos que buscam os cuidados oferecidos pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir parecem estar associadas à expectativa de encontrar os elementos que compõem o capital de recuperação inerente ao tratamento religioso contra as drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre o IVR, uma instituição com perfil pentecostal, e o Projeto Reconstruir, formado por casas de recuperação com orientação carismática católica, foi possibilitada pelos pontos de convergência que existem entre estas comunidades terapêuticas. Classificado como um movimento de renovação dentro do Cristianismo, o Pentecostalismo enfatiza a experiência direta e pessoal com Deus através do batismo no Espírito Santo. De fato, o Pentecostalismo está teologicamente e historicamente próximo à RCC e exerce forte influência sobre este movimento. O cristianismo carismático tem absorvido com bastante vigor os ensinamentos pentecostais sobre o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais (CARRANZA, 2000), o que permite a aproximação entre ambos os grupos religiosos e suas formas de lidar com questões específicas, como, por exemplo, a cura/controle da dependência química.

Tendo em vista a amplitude alcançada pela questão da dependência química na atualidade, a atuação de instituições como o IVR e o Projeto Reconstruir colaboram no sentido de fazer com que a religião atinja a sociedade mais abrangente. O projeto de recuperação da dependência aplicado por estas instituições consequentemente as coloca dentro de uma rede global onde a dependência química surge como efeito de um contexto formado por diversos fatores entrelaçados. A trama onde cresce o problema da dependência química é tão ampla que, ao agir segundo a intenção de recuperar usuários problemáticos de drogas, o IVR e o Projeto

Reconstruir acabam por se inserir em um panorama no qual o consumo de entorpecentes é apenas um entre tantos outros elementos que coexistem dentro da mesma realidade caótica. Desta forma, é possível dizer que o trabalho realizado pelas instituições em tela reverbera na sociedade como um todo, atingindo, de diversas formas, muito mais do que apenas o conjunto de dependentes químicos que desejam se livrar do vício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.6, n.1, p. 173-187, jan-abr. 2012.
- BARRADAS, Ana Miriam Pinto. *Factores influentes na permanência do toxicodependentes em programas terapêuticos do Desafio Jovem: um estudo de caso*. 2008. 213f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Instituto de Psicologia, Lisboa.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BIRMAN, Patrícia. Males e malefícios no discurso neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia., NOVAES, Regina., CRESPO, Samira. (Orgs). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- BUCHER, Richard; COSTA, Priscila Fernandes. Modelos de atendimento a dependentes químicos. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 70-83, jul/set. 1985.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Editora Santuário, 2000.
- COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. *Núcleo de Estudos Interdisciplinartres sobre a Mulher*, NEIM/UFBA, Salvador, 2000.
- CRUZ, Olga Furriel de Souza. *Histórias e trajetórias de consumidores “não problemáticos” de drogas ilícitas*. 2011. 339f. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga, Portugal.
- GUIMARÃES, José Eugênio. *Razão e religião: Pentecostais, Visões de Mundo e Conduta*. 1992. 182f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARIZ, Cecília. A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio-antropológica. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 47, p. 33-48, 1999.

_____. O Demônio e os pentecostais no Brasil. *In: BIRMAN, Patrícia., NOVAES, Regina., CRESPO, Samira. (Orgs). O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

_____. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. *In: ANTONIAZZI, Alberto et al (org). Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANCHEZ, Zila Van Der Meer. *As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas*. 2006. 321f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Paulo, Instituto de Psicobiologia, São Paulo.

SMILDE, David. *Razão para Crer: agência cultural no movimento evangélico latino-americano*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

Recebido em: 24 de jan. 2017

Aceito em: 06 de jun. 2017